

A vivência e subjetivação de bolsistas negros em uma universidade privada de elite

The experience and subjectivation of black scholars in an elite private university

Lucas Villar Magalhães da Cruz

Autor

lucasv_rj@hotmail.com

Milena da Silva Guimarães

Autora

milenaguimaraes10@gmail.com

Jaqueline Martins Lima

Autora

psicologiajaquelinelima@gmail.com

Stephany Ramos Marques

Orientadora

marquestefh@gmail.com

Resumo

Este artigo visa investigar aspectos da vivência e subjetividade de alunos bolsistas negros dentro de um ambiente universitário tomada como espaço de elite. Os programas de bolsas e a democratização do ensino trazem questionamentos importantes acerca da experiência subjetiva do estudante que se insere em um novo contexto, em diferentes aspectos: financeiro, educacional e social.

Palavras-chave: bolsistas; subjetividade; políticas públicas; pesquisa qualitativa; preconceito racial

Abstract

This article aims to investigate aspects of the experience and subjectivity of black scholarship students within a university environment taken as an elite space. Scholarship programs and the democratization of education brings us many questions about the students subjective experience in a new context, in different aspects: financial, educational and social.

Keywords: scholarship holders; subjectivity; public policy; qualitative research; racial prejudice

1 Introdução

Com a introdução das ações afirmativas, o perfil dos estudantes em universidades públicas e particulares começou a mudar no contexto brasileiro, podendo, desta forma, implicar na modificação das vivências e expectativas das minorias sociais, bem como das relações interpessoais entre os estudantes universitários. A expressão “ação afirmativa” foi utilizada pela primeira vez nos Estados Unidos, pelo presidente John F. Kennedy, com o intuito de promover a igualdade entre os brancos e os negros, que possuem um histórico de desigualdade e injustiça. A partir do exposto, se estabelecem objetivos para uma prática eficaz das ações afirmativas, dentre eles, o combate à discriminação, à redução da desigualdade e disponibilidade de acesso à educação de qualidade (SILVA, 2010, p.69).

É válido ressaltar, no entanto, em relação a essa mudança de percepção e ao título “ações afirmativas” iniciado nos Estados Unidos, que o ocorrido se deu graças ao grande movimento de luta que os cidadãos negros americanos fomentaram, entre eles a luta pela igualdade dentro das instituições de ensino americanas, como o caso *Brown versus o Board of Education* (Conselho de Educação) – Brown foi um cidadão americano negro que confrontou o Conselho de Educação de seu estado por ter sido obrigado a matricular sua filha em um colégio para negros, cuja qualidade de ensino era inferior e localizado mais distante de sua casa.

O casal Mamie e Kenneth Clarck também teve de enfrentar e lutar contra o preconceito para ter o direito de concluir seus estudos na Howard University – uma universidade para negros – e seguir na cadeira acadêmica. Kenneth Clarck, por exemplo, foi o primeiro negro a se doutorar em Psicologia, em Columbia. A propósito, Mamie Phipps Clarck enfrentou, além do preconceito racial, também o machismo, pelo fato de ser uma das únicas mulheres negras a cursarem uma universidade em meados da década de 1930, nos Estados Unidos. Como sua dissertação de mestrado, Mammie Clarck apresentou a pesquisa *Racial identification and preference in negro children* (Identificação racial e preferência em crianças negras), mais conhecida como “os estudos dos bonecos”. O casal Clark concluiu que um dos efeitos mais insidiosos da segregação se verificava na autoestima das crianças negras e, “se a infância molda o adulto, esses efeitos seriam deletérios e duradouros” (GOODWIN, 2010, p.519).

O tema do artigo deve-se ao fato de que os autores, tal qual os entrevistados (nosso objeto de estudo ao longo deste texto), constituem um grupo minoritário, ainda mais vulnerável na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) – instituição católica de ensino superior comunitária, detentora de renome institucional e social –, especialmente pelo fato desta

universidade se constituir enquanto um espaço privilegiado. De acordo com Santos, a PUC-Rio constitui-se um ambiente em que há a predominância de um perfil de alunos provenientes da classe média alta, frequentado por estudantes que podem financiar estudo e vida social de difícil acesso para a maioria da população brasileira – as diferenças sociais e culturais entre alunos bolsistas e alunos pagantes podem ser consideradas uma barreira, principalmente em relação a sua permanência e transição por este meio social (2012, p.784).

Ademais, ainda de acordo com Santos (2012, p.778), há uma escassez de estudantes autodeclarados negros e pardos se comparado à média de 70% de alunos autodeclarados brancos no corpo discente de três cursos analisados em sua pesquisa (Administração, Direito e Psicologia). O mesmo se reflete no corpo docente, segundo dados de um levantamento feito através do Sistema de Gerência Universitária, pois de 1985 professores empregados pela instituição em 2016, apenas 86 eram negros, o que pode gerar ausência de sentimentos de identificação e pertencimento, comprometendo a autoimagem desses alunos. O perfil escolhido para as entrevistas colhidas não busca o apoio emocional e de autorreconhecimento que geralmente é desenvolvido dentro dos coletivos estudantis, como os coletivos Bastardos da PUC-Rio¹ e Nuvem Negra², respectivamente coletivos de bolsistas de baixa renda e de estudantes negros. Busca-se, portanto, com esse estudo, compreender, analisar e visibilizar a experiência do alunato de bolsistas negros na PUC-Rio.

2 Metodologia

Para esta pesquisa, foi utilizado um estudo exploratório de abordagem qualitativa, cujo cerne é a investigação da subjetividade dos participantes da pesquisa, a saber, suas motivações, crenças e emoções (ROMÃO-DIAS, 2013, p.24). Buscou-se, também, utilizar uma pesquisa baseada em trabalho de campo, que, segundo Minayo (2007, p.51), é essencial para a construção de um conhecimento empírico em pesquisas qualitativas, pois, através deste, é permitida uma aproximação da pergunta do estudo com a realidade da qual ela provém e uma maior interação com os indivíduos inseridos naquele determinado contexto. Foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas, cujo roteiro pôde proporcionar abertura na elaboração de outras questões consideradas pertinentes pelos pesquisadores. O processo de recrutamento para as entrevistas foi realizado no segundo semestre de 2018 – em meados dos meses de outubro e novembro –

¹<https://www.facebook.com/bastardosdapuc/> ou @bastardosdapuc

²<https://www.facebook.com/coletivonuvemnegra/> ou @coletivonuvemnegra

por meio de divulgação em redes sociais, com publicações que explicitaram o objetivo da pesquisa e traçaram o perfil dos participantes.

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra. Em seguida, foi realizada uma organização e filtragem dos elementos relevantes das entrevistas, o que deu margem a uma prévia da categorização. Foi realizada uma tabela que contém os dados principais e breve descrição do perfil dos sujeitos entrevistados, apresentada no Apêndice I. Após isso, as falas dos entrevistados foram organizadas em categorias e subcategorias, por ordem de relevância, do mais geral para o mais específico, em um quadro que consta no Apêndice II. O perfil escolhido para a mostra foi composto por estudantes bolsistas negros, pertencentes aos cursos de Ciências Exatas da PUC-Rio (especificamente os cursos de Administração, Engenharia Química e Engenharia Mecânica) – essa informação também pode ser encontrada na tabela apresentada na seção 4.1 –, em sua primeira graduação, com uma faixa etária de 18 a 25 anos e desvinculados dos coletivos supracitados – Bastardos e Nuvem Negra – ou a outro.

A escolha de delimitação dos cursos decorreu devido a um menor número de disciplinas na grade curricular desses cursos, que promovam reflexões e discussões sobre a estrutura social em que esses universitários estão inseridos, o que pode gerar um impacto negativo em suas experiências no cotidiano acadêmico. É certo que a academia está longe de ser o único meio que suscite o ensino e aprendizado, visto que há inúmeros outros como a família, as mídias, os espaços religiosos, as artes, os centros culturais, a cidade em si (marcada pela segregação, por exemplo), que cumprem muito bem esse papel. Ainda assim, como os estudantes passam boa parte de seu tempo imersos no meio universitário, é possível pensar que esse espaço pode e provavelmente influencia seu aprendizado de acordo com o que é apresentado.

A intenção das entrevistas é trazer visibilidade a estudantes que não compartilham suas experiências normalmente, por não participarem de reuniões em coletivos e não cursarem matérias que abordam questões sociais, em sua maioria.

Como os autores deste artigo são, também, bolsistas, foi necessário um afastamento, um distanciamento para entender outras perspectivas, pois, como aborda Gilberto Velho no capítulo “Observando o Familiar”, em *Individualismo Cultural* (1981, p.123), o familiar não é necessariamente conhecido e, como bem pontua DaMatta, citado por Gilberto Velho, é necessário transformar o “familiar em exótico e o exótico em familiar”. Para a compreensão das vivências de outros estudantes, em outros contextos e cursos, é necessário dar voz à singularidade.

3 Resultados

3.1 Perfil dos Entrevistados

| Participantes | Idade | Gênero | Tipo de Bolsa | Curso | Período | Benefícios | Atividades Extracurriculares |
|---------------|-------|--------|---------------|---------------|---------|-------------------|--|
| P1 | 19 | Masc. | ProUni 100% | Eng. Química | 3° | FESP ³ | Pré-Vestibular Comunitário e PIBIC |
| P2 | 21 | Fem. | ProUni 100% | Administração | 3° | FESP | Não exerce |
| P3 | 22 | Masc. | Filantrópica | Eng. Química | 8° | FESP | Professor voluntário NEAD - PUC-Rio ⁴ |
| P4 | 21 | Masc. | ProUni 100% | Eng. Mecânica | 5° | FESP | Não exerce |

O participante 1 (P1) é um jovem do sexo masculino, morador do município de São Gonçalo, situado na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A participante de número 2 (P2) é uma jovem do sexo feminino, moradora do município de Nova Iguaçu, localizado na Baixada Fluminense, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. O terceiro participante (P3) é um jovem do sexo masculino, morador do bairro de Vila Valqueire, na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro. O último participante (P4) também é um jovem do sexo masculino, morador do município de São João de Meriti, situado na Baixada Fluminense.

3.2 Análise das principais categorias

A partir do resultado das entrevistas, foi possível dividir os relatos dos estudantes em temas principais. No presente trabalho, optou-se por elencar categorias e subcategorias de acordo com esses temas, por entender que, desse modo, poderia ficar mais bem organizado e claro ao leitor. A partir dessa organização, também foi possível dar ênfase aos aspectos que

³Fundo Emergencial de Solidariedade da PUC-Rio - programa de permanência estudantil que, em resumo, auxilia na permanência de alunos bolsistas dentro da universidade com a concessão de auxílios, tais como refeição, transporte, cobertura de gastos com impressões, dentre outros amparos socioassistenciais.

⁴ Núcleo de Educação de Adultos da PUC-Rio.

mais apareceram nos discursos dos entrevistados e que foram entendidos como de suma relevância para os autores, que serão abordados a seguir.

3.2.1 Percepção de preconceitos

Alguns entrevistados apontaram que, ao menos explicitamente, não sofreram preconceitos, no entanto, nas entrevistas, apareceram percepções dos alunos que apontam para o sentimento de discriminação, não pertencimento e desconforto, que nos levam a considerar que há, de fato, preconceito com relação aos estudantes bolsistas negros dentro das universidades, como pode ser pontuado nas seguintes subcategorias.

3.2.1.1 Identificação com outras minorias

Nesta subcategoria, o preconceito chegou até o entrevistado de modo indireto, por meio de relato de um amigo, o que, não obstante, também causou desconforto no entrevistado ao ouvir o relato. De acordo com Blank, Dabady e Citro (2004, p.60 apud CAMPOS, 2017, p.6), o conceito de “preconceito indireto” se enquadra em comportamentos em que há qualquer discriminação justificada, necessariamente, por causas secundárias, as quais ocupam o papel de encobrir as motivações raciais por detrás destas condutas.

Eu tenho um amigo que é bolsista, também da engenharia, só que ele não é negro (...) Aí ele disse que, na aula de física, tinha ele e um amigo dele, e o amigo dele era preto... Aí a dupla dele chamava o professor pra tirar dúvida e o professor meio que dava preferência se outros alunos chamassem, ele ia atender os outros alunos primeiro, entendeu? (Participante 1)

3.2.1.2 Medo de se posicionar

A ausência de posicionamento é interpretada como medo, sentimento comum aos estudantes bolsistas, principalmente pela possibilidade de perderem a bolsa ou receio de que os demais – estudantes não bolsistas e docentes – não atribuam credibilidade a suas falas e reclamações.

“Ah, mas você já devia agradecer muito por estar aqui”, alguma coisa do tipo, que, no fundo, no fundo, tem uma ponta de preconceito, mas não é uma coisa tão descarada, assim, a gente sabe que é preconceito porque é o que acontece

com a gente, mas eu não posso chegar e falar assim: “Cara, você tá sendo preconceituoso demais, assim, você tem que ter um pouco de noção do que você tá falando”. (Participante 4)

Como afirmam Oliveira e Molina (2012, p.745), com o aumento do número de estudantes beneficiados por programas como o ProUni, por exemplo, que proporciona oportunidades de ingresso a alunos com perfil socioeconômico diferente daquele que a universidade estava acostumada a receber, os docentes sentiram-se desafiados a (e, de fato, é necessário) pensar novas maneiras de proporcionar a permanência desses estudantes na universidade. Heringer e Honorato (2015), em análise realizada com estudantes cotistas e bolsistas do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), observaram que:

Quando passamos a levantar o perfil e a contatar os estudantes a serem selecionados para entrevista, observamos que alguns deles omitiram, no questionário, a informação de que eram cotistas ou recebiam Bolsa Auxílio, talvez preocupados em ser identificados e receber alguma sanção por algo que responderam. (p.345)

3.2.1.3 Sentir-se deslocado

Como mencionado anteriormente, o sentimento de deslocamento apareceu de maneira contundente, principalmente no modo como os estudantes se sentem notados pelo olhar do outro branco e não bolsista – maioria dos estudantes e professores da universidade. É interessante ressaltar, como dito na percepção de um dos entrevistados, que há um sentimento de “destaque”, mas não um destaque positivo, pois há a sensação de que esse “destaque” se dá justamente relacionado com sua cor da pele e condição social, não pelo fato dele ser um bom aluno, por exemplo, ou demais características.

Não sei, eu acho que, é mesmo... No outro dia eu tava pensando sobre isso, que os professores eles gravam muito o meu nome e eles me conhecem. Aí eu tava conversando com uma amiga que isso pode ser questão de eu tirar notas altas, mas pode ser questão também de eu ser o único menino negro na sala, então eles já sabem quem eu sou, entendeu? Eu acho que a gente meio que fica destacado, acho que é a questão de, não sei, de meio que você fica isolado, sabe? Porque só tem eu de negro e uma galera branca, então, não sei, fica um climão assim. (Participante 1)

É estranho né, na escola que eu estudei tinha bastante negros, e quando eu vim pra cá teve esse choque, sabe? Foi muito diferente. Muito estranho, em vários lugares eu sou a única negra. (Participante 2)

Em estudo realizado sobre o pensamento de universitários sobre as cotas raciais, Marques e Santos (2015, p.120) identificaram os argumentos de estudantes favoráveis, desfavoráveis e neutros em relação às cotas raciais. Observou-se que os sujeitos neutros se constituem maioria neste estudo e apresentam maior número de respostas na categoria sobre “dificuldade de avaliação das cotas raciais”, além de pontuarem a necessidade de igualdade e a defesa das cotas como medidas provisórias. Os participantes neutros também apresentam ideias relacionadas à rejeição das cotas e as associam ao aumento de discriminação.

Ainda que a pesquisa tenha sido realizada em um contexto diferente e em outra universidade, é interessante observar como certos pensamentos e falta de informação sobre a política de cotas e bolsas estão enraizados na mentalidade de alguns estudantes, o que pode contribuir para o sentimento de discriminação sentido pelos alunos beneficiados pelas políticas afirmativas.

3.2.1.4 Discriminação dos demais estudantes da universidade

Nesta subcategoria, repercutiu o sentimento de discriminação, que está intimamente relacionado com o sentimento de “destaque” discutido na subcategoria anterior. Aqui, os estudantes relatam que a discriminação parece diminuir – eles se sentem menos destacados ou oprimidos – quando se juntam com pessoas semelhantes, nesse caso, com outros estudantes negros.

(...) Andando só eu negro e várias pessoas brancas, eu acho que dá uma sensação e é a verdade, que tem um racismo ali acontecendo por trás assim, entendeu? Acho que quando eu ando com ele [amigo] diminui essa sensação... A sensação que dá, eu acho que é isso, [de que] parece que não é pra tá lá, sabe? Mas aí quando eu ando com ele eu vejo que tem mais uma pessoa ali também. Não acho que as pessoas olham (...) Acho que as pessoas nem olham nada, sabe? Mas eu percebo isso, que só tem eu de negro e várias pessoas brancas, é isso. (Participante 1)

Acho que a coisa que mais me chamou a atenção foi quando eu tava conversando com um amigo meu. Até hoje ele é meu amigo, mas eu olho diferente depois disso. Eu tava conversando com um segurança do estacionamento que é vascaíno, eu vim com a camisa do Vasco e a gente ficou trocando ideia, desde então a gente se encontra e conversa. Normal. Aí uma vez eu tava conversando e ele falou “Pô, por isso que tu não pega ninguém. Fica conversando com esses caras”. Não parei de falar com ele, não dei esporro nele, talvez eu tivesse que ter dado. Foi uma parada que eu... foi a pior coisa que eu vi assim, na faculdade. (Participante 3)

Especialmente nessa última fala, é interessante ressaltar a inter-relação de outros tipos de discriminação. Aqui, não se vê apenas a existência de somente uma discriminação racial, mas, também, uma discriminação social, que põe em evidência aspectos relativos aos estratos socioeconômicos. Ainda que de forma indireta, o sujeito entrevistado sofre discriminação ao se comunicar com alguém de uma classe social provavelmente inferior à do colega que fez o comentário preconceituoso e que, justamente, também parece se assemelhar à classe do entrevistado e de sua família, dado que os sujeitos da pesquisa pertencem ao perfil socioeconômico de baixa renda.

Silva e Silva (2012) apontam para o objetivo da ação afirmativa e afirmam que, sem esta política, a igualdade não seria possível, em decorrência da discriminação. No entanto, tomando como exemplo o próprio fragmento acima, é possível observar que a discriminação se mantém no contexto universitário. “(...) A ação afirmativa visa à redução da desigualdade, ao dar condições às minorias no acesso à educação, emprego e promoções, levando em consideração que esta igualdade não ocorreria sem a existência de tais medidas devido à discriminação.” (p.527)

Sendo assim, mais uma vez nota-se a importância das políticas de ações afirmativas, mas não apenas no que diz respeito à entrada desse perfil de estudantes nas universidades, como também à sua permanência, visto que o cotidiano enfrentado por esses alunos, inclusive em suas relações sociais, não tem se mostrado fácil.

3.2.1.5 Falta de referência

Na seguinte subcategoria, surge um exemplo de falta de referência em relação à representatividade da orientação sexual do entrevistado. No entanto, é possível estabelecer uma ligação com a falta de referência que pode se dar de um modo geral (com o coletivo negro e o de bolsistas, por exemplo), já que o entrevistado, no caso, afirma ter participado de uma reunião do coletivo Nuvem Negra somente porque sua amiga o convidou. A ausência de uma pessoa que enfrenta as mesmas questões e problemas contribui para o afastamento ou desconhecimento de recursos que podem ser úteis e fortalecer a jornada acadêmica na universidade, como, na presente situação, os coletivos. Nessa passagem, o participante 1 se posiciona do seguinte modo: “Eu fui nessa reunião, porque eu lembro que a J. ficou me chamando muito pra ir e tipo, eu não conheço ninguém que é gay, então, ninguém ficou me chamando direto assim também pra ir, entendeu?”. É possível observar, também, em relação direta à falta de referências negras,

o discurso do entrevistado 4, que alega que essa ausência é prejudicial para os demais estudantes, não somente para os negros:

Faz falta, porque a PUC fala muito que é filantrópica e não sei o quê, que mais de 50% dos estudantes são bolsistas e tal. E, pô, pra ProUni, principalmente, a realidade é muito diferente disso daqui. Então, sim, algumas pessoas têm noção disso, mas tem algumas pessoas que são nascidas e criadas no “país zona sul”, que são fechadas nesse mundinho muito bonito de coisas boas, onde a maioria das coisas dá certo, onde não falta dinheiro... Então, assim, eu acho que falta essa relação no sentido de talvez mostrar pra eles que o mundo não é essa maravilha toda e de que eles deveriam se sentir privilegiados de gastar meia hora até aqui e que, sei lá, gastar duas horas da minha casa até aqui não é uma coisa que me ajuda muito. (Participante 4)

Em dado momento da entrevista com o participante 2, o entrevistador pergunta se o entrevistado tem professores negros e se, mesmo que ainda não tenha tido aula com algum, sabe se há professores desse perfil no departamento de seu curso, ao que é respondido “Não, tenho nenhum, e no curso também acho que não tem.”

Por sua vez, o entrevistado P3 indica uma homogeneidade no perfil dos estudantes de Engenharia e que, apesar de não ter sofrido preconceito direto, a ideia de ser o único negro em sua turma é questionável. Esta homogeneidade é consequência direta da disparidade no nível socioeducacional entre jovens brancos e negros, evidenciada antecipadamente por Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva (1990, p.7), que destacaram o discrepante nível educacional entre brancos e negros à época. As pessoas negras dentro da universidade, ainda hoje, são tão poucas que se tornam repetitivas nos corredores, afirma o entrevistado, conforme nos trechos abaixo:

A quantidade de afrodescendentes, assim, minorias, é muito baixa. É difícil você encontrar um homossexual, um gay, um negro, você vê sempre o mesmo perfil de pessoa na Engenharia (...) Acho que tem que ter [os coletivos] mesmo. Tem que ter. Apoio a ideia. É só você andar por aqui. A proporção é muito baixa. É o que eu sempre falo. Meus amigos falam “Ah, cota...”. Cara, eu ando pela PUC e não vejo quase nenhum negro. É um ou outro. E é sempre o mesmo (risos). Você consegue diferenciar a pessoa. “Eu vi ele outro dia e tô vendo ele de novo aqui”. Porque é sempre o mesmo, então precisa sim. (Participante 3)

3.2.2 Mudança de discurso para adequação

Esta categoria revela uma tentativa de adequação do aluno bolsista. O aluno tenta se encaixar em moldes, em discursos que não lhe pertencem e não o contemplam, em prol de uma socialização, ou, ainda, de uma aceitação. A categoria revela a necessidade de abandonar suas próprias opiniões, seu próprio caráter. Como pode ser observado no trecho abaixo:

Eu nunca tive problema de convivência aqui, mas pra eu não ter esse problema de convivência, eu tive que mudar um pouco o meu discurso, mudar um pouco o meu jeito de ser pra eu fazer primeiro as amizades, claro, pra me inserir, e depois eu pude ser quem eu era mesmo. Mas, no início, eu tive que flexibilizar um pouco, mudar um pouco o discurso e tal, quem eu era e tal, fazer umas piadinhas que talvez eu não fosse fazer e esse foi o início da faculdade, me senti um pouco deslocado. Mas, depois de um tempo, com essa mesma tática que eu usei, foi tranquilo. (Participante 3)

Nesse sentido, o psicólogo social Solomon Asch oferece importante contribuição no entendimento do fenômeno do conformismo social, em que as inclinações pessoais de um indivíduo são sobrepostas em detrimento das referências do grupo. Afirma o autor:

A vida na sociedade exige o consenso como condição indispensável. Mas, para ser produtivo, o consenso exige que cada indivíduo contribua de forma independente, a partir de sua experiência e sua intuição. Quando o consenso aparece sob o domínio do conformismo, o processo social está poluído e, ao mesmo tempo, o indivíduo renuncia a capacidade de que depende sua atuação como um ser que pensa e sente. (ASCH, 1956, p.8)

3.2.3 Postura da universidade em relação aos bolsistas

Nesta categoria, surgiram questões sobre a insuficiência do apoio financeiro à permanência para evitar evasão e apoio acadêmico. Cabe aqui breve parêntese sobre o Fundo Emergencial de Solidariedade da PUC-Rio (FESP), o programa de permanência estudantil que auxilia na permanência de alunos bolsistas nas universidades com a concessão de auxílios socioassistenciais. Foi possível observar, contudo, que existem algumas contradições, principalmente no que tange ao suporte financeiro ou à falta dele, proporcionados pela universidade, como no exemplo de quando a entrevistadora questiona a participante 2 sobre o FESP, sobre o que ela acha desse auxílio e se acha que faz diferença ou não. A entrevistada

responde: “Ah com certeza, faz muita diferença, eu não teria nem condição de tá estudando aqui.”

(...) Eu sei que a gente tá numa crise, mas acho que eles podiam meio que... Porque tipo, essa minha amiga, a da engenharia civil, ela é bolsista também, mas ela não tem direito a algumas coisas, porque a renda dela passa um pouco (...) Só que, tipo (...) não é porque passou um pouco que ela tem dinheiro pra caramba, entendeu? Aí é tenso. (Participante 1)

Infere-se, portanto, que se por um lado os programas de permanência estudantil existentes auxiliam alguns estudantes no transporte e na alimentação, por outro, nem todos os estudantes que necessitam recebem esse suporte. Entende-se que a medida adotada para a escolha de quem pode ou não receber a ajuda de custo é bastante rígida, o que acaba por excluir alguns estudantes que também poderiam ser favorecidos.

A seguir, a questão muda um pouco de temática, saindo da situação financeira e perpassando para o apoio acadêmico oferecido pela universidade. Nesse sentido, como é possível observar, os estudantes parecem se sentir amparados no que está relacionado ao currículo, que parece ser mais flexível e compreender que nem todos tiveram a mesma base educacional ou que, independente disso, até mesmo estudantes que tiveram o privilégio de desfrutar um ensino de boa qualidade possuem dificuldades acadêmicas.

E outra coisa também que acho que, tipo, eu acho o currículo deles bom pra quem é bolsista.(...) Acho que essa questão deles dividirem o cálculo 1 em cálculo A e cálculo B, eu acho que facilita pro aluno que tem dificuldade, que veio com dificuldade da escola nessas matérias de matemática. (Participante 1)

3.2.4 Os coletivos

No que diz respeito aos coletivos, parece haver uma certa “falta de interesse” dos estudantes em procurá-los ou filiarem-se. Dentro desta categoria, surgiram falas recorrentes de estudantes relacionadas à falta de tempo em participar de um coletivo, desconhecimento, falta de identificação com as propostas horários acessíveis, dentre outros aspectos negativos que desfavorecem o comprometimento dos estudantes com esses grupos. Como surgiu em uma das entrevistas, um estudante perdeu o interesse em participar do coletivo Nuvem Negra devido à impossibilidade de uma amiga branca participar da reunião, já que, obviamente, ela não se enquadraria na proposta do coletivo, situação que gerou desconforto em um dos entrevistados,

Em outra fala, por exemplo, a entrevistadora questiona o porquê da participante 2 não ter se filiado a nenhum coletivo, no que ela responde: “Não sei exatamente o porquê. Mais por causa do horário”. Ao nem saber identificar o porquê de não ter escolhido participar de um coletivo, é possível inferir talvez que não houve ao menos uma reflexão sobre essa questão.

É, porque as reuniões são à noite, aí eu, sei lá, à noite é a hora que eu tenho pra estudar, porque tenho aula de dia e... Não sei, talvez preguiça de ir, talvez se eu me organizasse (...) Igual à questão do psicólogo, eu acho que se eu me organizasse eu acho que eu iria. Não sei, eu acho que isso me desanimou também, da minha amiga, acho que é isso. (Participante 1)

Porque, por exemplo, eu sei que a reunião de alguns coletivos é, sei lá, quinta feira às 18 ou 19 horas, que já me falaram que tem uma reunião nesse horário. Eu paro e penso: “Pô, eu posso ficar, mas eu posso ir pra casa e estudar, eu tenho prova semana que vem” ou então, tipo: “Ah, mas eu nem lido tanto com isso”, então assim, nunca me aconteceu nada diretamente, então pra mim tá muito de boa, ainda não tá me atingindo diretamente. (Participante 4)

Talvez a falta de tempo para a participação nos coletivos, mencionada pelos estudantes, seja a forma mais implícita de expressar uma possível falta de interesse em se dedicar a mais uma demanda em seus cotidianos, que já são permeados por diversas atividades estressoras ou não, mas que exigem dedicação e tempo. Outro fator para o possível desinteresse pode ser um conceito apresentado pela Psicologia Social como “profecia autorrealizadora”, que consiste na crença de inércia de determinadas pessoas ou situações, o característico “do jeito que está não muda”, tão citado na crença popular da realidade brasileira (Rosenthal, 1966, p.196 apud BRITTO e LOMONACO, 1983, p.60). A partir dessa reflexão, pode ser interessante analisar, em pesquisas futuras, quais outros caminhos, que não o da participação nos coletivos, estão sendo trilhados para lidar com as insatisfações, inadequações e preconceitos relatados pelos estudantes. Será que os estudantes tentam ignorar e recalcar essas questões? Estariam, portanto, inertes ou lutando de outras maneiras? Por outro lado, foi interessante observar que, mesmo não fazendo parte dos coletivos, os estudantes parecem compreender seus propósitos e atribuem credibilidade na possibilidade desses grupos fazerem a diferença em suas vidas:

Coletivo (...) Tipo, eu vejo que eles militam muito, né, eles ficam bem (...) É, eles são (...) Eles defendem mesmo a causa não sei o quê, eu acho que (...) Eu acho que é de defender a causa igual a eles, de defender assim é claro que eu defendo, se alguém for racista comigo não vou deixar passar, mas acho que eles fazem uns movimentos aí contra isso, eu acho isso legal. Eu acho que faria diferença, tanto que os meus amigos, os da engenharia, são todos brancos, eu tenho um amigo negro na engenharia, então, eu acho que eu teria

mais amigos negros também, entendeu? É isso, acho que faria diferença sim na questão social, dos amigos, entendeu? (Participante 1)

3.2.5 Identificação com colegas de curso como um todo (bolsistas ou não)

É possível relacionar esta categoria com falas anteriores sobre o sentimento de inadequação e a falta de referências, no sentido de que alguns integrantes do grupo, ainda que considerados amigos, não possuem características que proporcionem identificação com os estudantes bolsistas, como no seguinte exemplo, até mesmo a opinião política e o modo de pensar. O que leva ao entendimento de que as amizades surgiram por uma questão de aproximação para estudos, como, por exemplo, no caso do participante 1: “Deixa eu ver... Eu acho que é a questão da engenharia, porque a gente tem que estudar junto pras matérias”. Talvez a questão da afinidade influencie, como para a participante 2: “Sim, a personalidade, os mesmos gostos, o fato de estar sempre fazendo as mesmas matérias”. Ou, ainda, em decorrência de um tratamento entendido como não distinto dos outros, como foi para o participante 3: “Eu acho que... as pessoas não chegam aqui na PUC e perguntam se você é bolsista, pelo menos não em Engenharia. Então eu nunca tive um tratamento diferente por causa disso.”

3.2.6 Relação com professores

De um modo geral, a relação dos entrevistados com seus professores parece ser boa. É possível problematizar que isso se dá provavelmente por serem estudantes que, frequentemente, tiram notas altas e são comprometidos, conforme apreendido a partir dos seus discursos nas entrevistas realizadas e também do resultado de um levantamento informal de seus Coeficientes de Rendimento (CR's), realizado pelo FESP. O participante 1 confirma ao afirmar: “São boas, tipo, eu costumo sempre tirar nota alta, perguntar, essas coisas, então, meio que, acho que eu tenho uma relação boa com os professores”.

4 Considerações finais

Por meio das entrevistas colhidas, é possível justificar o porquê do coletivo Bastardos carregar este nome. As falas corroboram a perspectiva de que os estudantes bolsistas e negros

não são “Filhos da PUC”⁵ como todos os outros. São filhos bastardos aqueles gerados fora do matrimônio, olhados com outros olhos e incumbidos de experiências e problemas próprios às suas condições. A patrona do coletivo, Marielle Franco, no entanto, ressignifica, em sua carta “Aos ‘bastardos da PUC’, com carinho!”, o sentido de ser um Bastardo. Ela diz:

(...) ser um filho “bastardo” da PUC não pode ser encarado como algo ruim, precisamos reivindicar um novo significado político: o “bastardo” é aquele que resiste às desigualdades. Por isso, é necessário que o nosso histórico pessoal seja uma mola que impulsiona a nossa vida acadêmica.

Apesar de terem sido introduzidas mais políticas de cotas e bolsas em universidades particulares, o aluno bolsista e negro não tem a mesma experiência que o aluno não bolsista e branco. Suas vivências são outras. Seu percurso na universidade é marcado por percalços, pelo distanciamento, pela falta de identificação com os mais afortunados e privilegiados racialmente. Apesar da PUC-Rio ter em sua composição atual aproximadamente 51% de estudantes bolsistas (dentre os quais, a maior fatia são alunos cujas bolsas avaliam questões socioeconômicas em suas concessões, dando margem à pluralização social), sua estirpe ainda se inclina à elite brasileira. Ainda faltam referências. Faltam políticas afirmativas, inclusivas, de permanência estudantil. Políticas bastardas. Políticas negras. É com este objetivo em mente que se idealizou este trabalho: não se desejou meramente colher dados, entrevistas ou opiniões. O intuito, desde o início, foi o de preencher uma lacuna social dentro desta universidade. Nisto, há felizes consequências: a representatividade emanada deste conteúdo, que atinge não somente os autores, mas os que podem vir a ler este material futuramente, a emoção de poder contribuir com a autoafirmação, resistência e, como vimos acima, a carente – e valiosíssima – referência e, por fim, a oportunidade de dar voz a quem merece ser ouvido.

A todos os moradores das zonas periféricas, das áreas de perigo, a todos os estudantes e alunas bolsistas desta universidade, a todos os estudantes negros e negras, a todos os bastardos, a todas as nuvens negras: este trabalho é de vocês.

⁵ Essa é uma expressão informal que, durante anos, foi e ainda é utilizada na universidade em questão como forma de identificação e valorização desse espaço. No entanto, essa expressão ficou muito atrelada ao elitismo presente na universidade, transmitindo a ideia de que os alunos ou “Filhos da PUC” se encaixavam em um mesmo perfil: branco, de classe média alta e dotado de privilégios.

Referências Bibliográficas

- ASCH, Solomon. Opiniões e pressão social. *Scientific American*, 193, p.31-5, 1955.
- BRITTO, Vera Maria Vedovelo de; LOMONACO, José Fernando Bitencourt. Expectativa do professor: implicações psicológicas e sociais. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, v.3, n.2, p.59-79, 1983.
- CAMPOS, Luiz Augusto. Racismo em três dimensões: uma abordagem realista-crítica. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, vol.32, n.9, 2017.
- GOODWIN, C. J. *História da Psicologia Moderna* 4 ed. São Paulo: Cultrix, 2010.
- HASENBALG, Carlos A.; SILVA, Nelson do Valle. Raça e oportunidades educacionais no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, 73, p.5-12, 1990.
- HERINGER, R.; HONORATO, G. S. Elementos para uma análise dos estudantes cotistas e bolsistas no curso de pedagogia da UFRJ. *Cad. CRH*, Salvador, v.28, n.74, p.341-8, aug 2015.
- LEITÃO, C. F.; PRATES, Raquel Oliveira. A Aplicação de Métodos Qualitativos em Computação. *36º JAI - Jornada de Atualização de Informática*. 2017.
- MARQUES, T.; SANTOS, B. Um estudo sobre o pensamento social de jovens universitários acerca da justiça e das cotas raciais. *Psicologia e Saber Social*, v.4, n.1, p.108-125, 2015.
- MINAYO, C. S. Trabalho de Campo: Contexto de Observação, Interação e Descoberta. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, C. S. (org). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 26.ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p.61-9.
- OLIVEIRA, Edna Imaculada Inácio de; MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg. A ampliação da base social da educação superior no contexto do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais: o caso do ProUni. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.93, n.235, p.743-69, 2012.
- ROMÃO-DIAS, D. Os métodos qualitativos e a psicologia: uma história feita de estórias. In: NICOLACI-DA-COSTA, A. M.; ROMÃO-DIAS, D. *Qualidade faz diferença: métodos qualitativos para a pesquisa em psicologia e áreas afins*. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora PUC-Rio e Loyola, 2013.
- SANTOS, Clarissa Tagliari. Ações afirmativas no ensino superior: análise do perfil socioeconômico e da experiência universitária de bolsistas do ProUni na PUC-Rio. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.93, n.235, p.770-90, 2012.
- SILVA, Paula Bacellar; DA SILVA, Patrícia. Representação Social de Estudantes Universitários sobre Cotas na Universidade. *Fractal: Revista de Psicologia*, [S.l.], v.24, n.3, p.525-42, dec 2012.
- SILVA, Selênia Gregory Luzzi da. Ações Afirmativas: um instrumento para a promoção da igualdade efetiva. *Pontifícia Universidade Católica de Goiás*, Goiânia, 2010.
- VELHO, G. Observando o familiar. In: *Individualismo e cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1980.